II Congresso Nacional de Formação de Professores
XII Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores

Trabalho Completo

A IMPORTÂNCIA DA DIMENSÃO ESTÉTICA PARA EDUCADORES DA INFÂNCIA

Mara Lucia Finocchiaro Da Silva

Eixo 2 - Projetos e práticas de formação continuada
- Relato de Experiência - Apresentação Oral

Este relato de experiência ocorreu no Município de São Bernardo do Campo, São Paulo, no ano de 2009 com equipes gestoras de escolas municipais de educação infantil. A formação destes gestores é comumente coordenada por Orientadores Pedagógicos da Secretaria de Educação, cuja atribuição de escolas é realizada periodicamente. O grupo já havia sido acompanhado por mim, cujas discussões ocorreram sobre a formação de educadores da infância. As equipes gestoras eram compostas de diretores, vice-diretores e coordenadores debatendo os perfis necessários aos educadores mais sensíveis às crianças e ao diálogo com elas. A instância de reflexões constituiu-se em espaço para compartilhar observáveis em relação às escolas e educadores, sendo comum o olhar para relações esvaziadas de afeto, havendo distanciamentos e sisudez nas relações com as crianças de 3 a 5 anos. Mapeadas as problemáticas comuns, o eixo de aprofundamento foi a formação estética como alternativa disparadora para sensibilizar e afetar educadores para a educação humanizadora. Os encontros com gestores visaram estas sensibilizações nos quais puderam experimentar linguagens corporais e das artes visuais, deslocando sua forma também rígida e histórica de ser formador do educador da infância. Experimentaram brincadeiras tradicionais da infância, danças, vivenciaram expressões com tintas, massas, suportes variados, textos poéticos, permitindo a si, enquanto formadores, sentir a importância da dimensão estética como educadores da infância. O referencial teórico foi a abordagem de Paulo Freire sobre a inteireza da formação de professores progressistas. Palavras-chave: formação de educadores; educação estética; educação infantil.

A IMPORTÂNCIA DA DIMENSÃO ESTÉTICA PARA EDUCADORES DA INFÂNCIA

Mara Lúcia Finocchiaro da Silva. UNESP- IA, São Paulo.

> Se alguma coisa nos anima a educar é a possibilidade de que esse ato de educação, essa experiência em gestos, nos permita liberar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos, para ser outra coisa além do que vimos sendo. (LARROSA, J.; KOHAN,W. In: RANCIÈRE, 2002, p.3)

Este relato de experiência narra momentos vividos com pessoas encantadas e dispostas a encontrar novos caminhos para a formação de educadores da infância. Pessoas sintonizadas com uma educação mais cuidadosa em relação às crianças e infâncias. Também esteve presente o compromisso e o entusiasmo com a escola pública de qualidade.

Essas pessoas reunidas e inspiradas a dar continuidade a estudos que transformassem a práxis definiram juntamente com a Orientadora Pedagógica, que acompanhava os projetos politico-pedagógicos, o foco de trabalho com gestores de escolas daquele ano, 2009. Em reuniões mensais as questões principais das escolas seriam discutidas, analisadas em grupo e partimos do que seria comum ao agrupamento de seis escolas de educação infantil da rede municipal de São Bernardo do Campo: as relações pouco atentas às crianças e suas expressões. Percebia-se um distanciamento da valorização da criança nas relações escolares, e isso preocupava as equipes que se viam com a antecipação da faixa etária nas escolas de educação infantil, em função do ensino fundamental de nove anos: as crianças de cinco anos iriam para o Ensino Fundamental, abrindo-se vagas para crianças mais novas de três e até dois anos. Quais seriam as implicações desta alteração para o trabalho pedagógico das escolas e educadores? O que significaria trabalhar com crianças pequenininhas?

Mapeados os problemas principais, analisamos as formações já existentes nas escolas para verificar se elas tocavam de alguma forma a importância da relação mais atenta e afetiva com as crianças e, se estavam elencadas prioridades voltadas para a formação do sujeito integral, constituído de linguagens múltiplas. Percebemos que as formações eram predominantemente inclinadas à formação mais técnica, instrutiva, informativa, como focos destinados ao fazer didático. O sujeito adulto não trabalhava sua sensibilidade, suas expressões em situações formativas, não nutria espaço para autoria, e não era instigado a ficar mais atento aos direitos estéticos da infância e à escola como espaço para vivências culturais. Retomamos Freire (1996):

> "É por isso que transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador. (FREIRE, 1996, p.37)."

Na sequência do trabalho os formadores fizeram observações no cotidiano escolar e perceberam o distanciamento, o esvaziamento de olhares atentos e diálogos, *corpos ausentes* no trato com as crianças pequenas e, isso os preocupava. Qual seria a forma de trabalhar e sensibilizar educadores da infância para estabelecer relações mais democráticas e dialógicas com as crianças? Como remexer em formas tão enrijecidas de educar?

Entenderam que a sensibilidade poderia e deveria ser trabalhada, despertada e cultivada nos espaços formativos como brecha, ruptura na dureza do ensinar. Ética e estética, caminhando para a política que valoriza e respeita as diferenças entre os sujeitos em suas relações. O olhar dos educadores deveria ser remexido, a escuta deveria ser apurada para as relações que as crianças estabelecem com o mundo, direcionando a percepção para as suas expressões e opiniões. Um olhar docente a ser alimentado e um corpo rígido a ser flexibilizado. O que poderia ser este corpo que trabalhava com a infância?

Lemos e estudamos os apontamentos de Paulo Freire:

> A necessária promoção da ingenuidade à criticidade não pode ou não deve ser feita à distância de uma rigorosa formação ética ao lado sempre da estética. Decência e boniteza de mãos dadas. (FREIRE,1996, p. 36).

> Nenhuma formação docente verdadeira pode fazer-se alheada, de um lado, do exercício da criticidade que implica a promoção da curiosidade ingênua à curiosidade epistemológica, e do outro, sem o reconhecimento do valor das emoções, da sensibilidade, da afetividade, da intuição ou adivinhação. (FREIRE, 1996, p.51).

Estava fortalecida a ideia de tocar a educação estética como fonte de inspiração para novos encontros entre educadores e seus compromissos com a autoria de si mesmo e sensibilização para as criações das crianças. A crença era a de que a sensibilidade poderia aflorar novas relações, as emoções e o afeto. Estariam resguardadas as expressões e os valores éticos diante da produção de formas diferentes de conhecimento e de comunicações múltiplas. Decência e boniteza de mãos dadas...

Partimos para compreender os perfis de educadores da infância, e Freire novamente nos ajudou: estudamos os saberes necessários aos professores

progressistas. Estes saberes nos levaram a refletir sobre pontos essenciais para pensar a formação de educadores...

A tolerância... Tolerar nos leva a pensar em algum sacrifício, mas, na perspectiva amorosa de Paulo Freire, tolerar significa ter respeito pelas diferenças. Este saber é fundamental em relação a tempos, etnias, culturas, escolhas, expressões, singularidades. O adulto que cultivasse a tolerância não iria tolerar o intolerável, mas conviver com aquilo que não é comum ou familiar. A quebra de preconceitos é um compromisso indispensável, um princípio norteador de práticas educativas. Pudemos experimentar a confecção de memorial com as participantes e as leituras deste sobre os integrantes do grupo, suas histórias, preferências e as identidades culturais povoaram as reuniões. Os formadores ficaram muito interessados em saber mais sobre os colegas e suas histórias, suas preferências e escolhas. Conseguimos ver uns aos outros e percebemos diferenças salutares, assim como elos de histórias e memórias, pequeníssimas particularidades que não conhecíamos, apesar de já estarmos trabalhando juntos há algum tempo.

Era importante retomarmos os saberes vinculados à humildade, outro destaque da obra de Freire: humildade para se perceber em movimento, mudança, deslocamento. Humildade para saber que podemos mudar e reconhecer isso como importante na prática educativa. Saber–se inacabado... Neste inacabamento, a humildade e a coragem, a confiança para novas possibilidades. Como Barros (2004) nos fala: “Do lugar onde eu estou, já fui embora”.

O outro saber discutido com o grupo de formadores referia-se à segurança e à lucidez para realizar trabalhos voltados para a sensibilização de educadores da infância. O próprio autor estudado nos dava a segurança da escolha: o compromisso político de fazer a educação humanizadora e transformadora, a clareza da fonte e nascente do trabalho. Quanto à valorização da sensibilidade na formação de educadores, tínhamos que desenvolver argumentos teóricos para as nossas intuições e crenças. Tínhamos que sustentar escolhas, fundamentá-las.

> Evidenciando a dimensão estética como elemento constitutivo de um projeto educacional- pedagógico comprometido com a formação humana em sua inteireza, pode-se dizer, juntamente com diversos autores (Albano Moreira, 1984; Dias, 1999; Guimarães, Nunes & Leite, 1999; Nogueira, 2002; Leite & Ostetto, 2004; Trierweiller, 2008, entre outros), que ampliar repertórios artístico-culturais, provocar o desejo e a curiosidade, instigar a desconfiança do traço acostumado e das certezas absolutas, incentivar a ousadia de desenhar caminhos de busca e experimentação, afirmando autorias, convertem-se em premissas para um trabalho que articule educação e arte de um modo geral e, especialmente, na formação de educadores. (OSTETTO, 2010).

Regados e provocados pela ideia da experimentação, nosso corpos brincaram de "Escravos de Jó", mexeram-se com danças circulares, inventaram ao esculpir massas e fazer desenhos, surpreenderam-se ao fazer pinturas e encantaram-se ao ouvir diferentes gêneros literários. Criamos formas poéticas de nos expressar e nos revelar nestes encontros.

As vivências com o grupo procuraram colocá-lo em situações não comumente vividas no cotidiano, já adormecidas nos mares da responsabilidade de ensinar e informar. A ideia era superar as formas já consolidadas de formar educadores, sempre dizendo ao outro como ele deveria agir em sala de aula, dando um novo alento, um novo sentido para a formação. Tudo isso para revigorar e reencantar a formação, provocar sentimentos e emoções, prazer e alegria.

Alegria aqui concebida como a potência despertada para a ação, a alegria vinculada ao ato, ao fazer, ao viver. Era desejo despertar sujeitos para experiências consigo e com sua autoria, revivificar sua ação formativa. Sujeitos que sentiram emoções e que entenderam a importância de abrir espaço na formação de educadores para o brincar, o dançar, o esconder, o mostrar, o viver junto.

Jorge Larrosa (2002) nos acompanhou nesta viagem nos despertando para o conceito da experiência como algo que atravessa o sujeito, o toca, o afeta profundamente. As pessoas se sentiram transformadas após a experiência. A formação teria que priorizar outros conteúdos, *conteúdos do sujeito*, como já dizia Madalena Freire Weffort (1996).

> A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência [...]. O sujeito da informação sabe muitas coisas, passa seu tempo buscando informação, o que mais o preocupa é não ter bastante informação; cada vez sabe mais, cada vez está melhor informado, porém, com essa obsessão pela informação e pelo saber (mas saber não no sentido de "sabedoria", mas no sentido de "estar informado"), o que consegue é que nada lhe aconteça. A primeira coisa que gostaria de dizer sobre a *experiência* é que é necessário separá-la da informação. E o que gostaria de dizer sobre o *saber de experiência* é que é necessário separá-lo de saber coisas, tal como se sabe quando se tem informação sobre as coisas, quando se está informado. (Larrosa, 2002, p. 21).

Nada disso seria importante se não tivéssemos alimentado a amorosidade... A amorosidade pelo outro, por sua diferença, sua forma de ser e expressar-se, seus quereres, saberes e experiências. A experiência, então, constituída nos espaços de formação alicerça uma relação mais humana e cuidadosa, desperta saberes adormecidos, e renova as linguagens expressivas que comumente as crianças vivenciam com tranquilidade, mas que para os adultos enrijecidos, passa a ser uma experiência...

> A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que

> nada nos aconteça. Walter Benjamin, em um texto célebre, já observava a pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara. (Larrosa, 2002, p.21)

Tivemos momentos de compreender a importância de aprender a ouvir, a ver, a reconciliar-se com um tempo, que não fosse o da pressa, da correria, do pouco interessar-se pelo que outro falava ou mostrava. A modernidade nos consome, nos acelera e não nos permite apreciações mais demoradas. E Larrosa (2002, p.23) nos alimentou nesta reflexão:

> [...] Cada vez estamos mais tempo na escola (e a universidade e os cursos de formação do professorado são parte da escola), mas cada vez temos menos tempo. Esse sujeito da formação permanente e acelerada, da constante atualização, da reciclagem sem fim, é um sujeito que usa o tempo como um valor ou como uma mercadoria, um sujeito que não pode perder tempo, que tem sempre de aproveitar o tempo [...].

Uma das integrantes disse ao grupo: “Me sinto livre para criar... Aqui tenho tempo para isso... para contemplar, perceber, reinterpretar, alargar a sensibilidade comprimida na pressa do dia-a-dia”. Nos encontros as integrantes tinham momentos para deleites literários, indicações culturais, experimentações e criação de registros com materiais secos e aquosos, deparavam-se com imagens em vídeo, fotos e tirinhas para reflexões em grupo. Ficavam extremamente envolvidas e tomadas pelas atividades. As produções eram seguidas de apreciações, outro momento muito rico de alimento estético mútuo.

A partilha de opiniões e formas de pensar nos humaniza, nos faz pensar em inusitados. Dando-se tempo para a autoria do adulto, renova-se o olhar para a criança e sua experiência, busca-se o deleite diante de suas criações. Sujeitos mais criativos podem ser mais críticos, interpelar e indagar o mundo e sua estrutura. Podem ser mais sensíveis ao outro.

O que se pretende com estas ideias e com o relato desta experiência é ampliar os modos de ver e de pensar a formação dos educadores da infância, acreditando nos seus próprios potenciais como seres sensíveis e criativos tornando-se mais atento às crianças. Ampliar a escuta e o olhar sensível pode nos fazer ver que elas são capazes de nos ajudar a transformar aquilo que ainda em nós ressoa como autoritário ou infeliz, enrijecido ou desajustado ao buscarmos uma educação humanizadora. Podemos buscar transformações salutares, mais justas e criativas e isso pode começar entre os próprios formadores de educadores.

O caminho da educação estética para educadores pode ser ampliado em situações culturais variadas, com o compromisso de ampliar as formas de sentir, ver e pensar o mundo nos momentos de formação, superando as formas rígidas e tradicionais de encontros e estudos coletivos.

Assim, dando mãos à boniteza, à construção da consciência crítica e sensível, aos formadores inflados pela *amorosidade freiriana* pretendemos produzir e compartilhar conhecimentos que animem a escola a ser melhor e mais humana, deixando marcas mais alegres e criativas nas formas de educar e nos educar ao mesmo tempo.

Referências Bibliográficas

BARROS, Manoel de. **Livro sobre Nada. -**11ª ed.- Rio de Janeiro: Record, 2004.

DEWEY, John. **Arte como Experiência**. –São Paulo: Martins Fontes, 2010. (Coleção todas as artes).

DIAS, Marina Célia Moraes. **Oficinas de sonho e realidade na formação do educador da infância.** – Campinas, SP: Papirus, 2003. (Coleção Papirus Educação).

FREIRE WEFFORT, Madalena et al. **Observação, Registro, Reflexão:** instrumentos metodológicos I. 2 ed. São Paulo: espaço Pedagógico, 1996. (Série Seminários).

FREIRE, Paulo. **Conscientização:** Teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. Trad. Katia de Mello e Silva: São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

_____. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 5.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção leitura).

_____. **Professora, sim, tia não.** Cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Ed. Olho d'Água, 1997.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana**: danças, piruetas e mascaradas.- 5ª ed.- Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

_____. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Conferência proferida no I Seminário Internacional de Educação de Campinas, traduzida e publicada em julho de 2001.Disponível em http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/rbde19/rbde19_04_jorge_larrosa_bondia.pdf acesso em 16 de janeiro de 2013.

_____. **Habitantes de Babel:** políticas e poéticas da diferença.- Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LARROSA, Jorge. **O enigma da infância ou o que vai do impossível ao verdadeiro**. In: LARROSA, Jorge; LARA, Nuria Pérez de (orgs). Imagens do outro. Tradução de Celso Márcio Teixeira. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

PARO, Vitor. **Parem de preparar para o trabalho**, reflexões acerca dos efeitos do neoliberalismo sobre a gestão e o papel da escola básica. PUC, SP: 1998. Disponível em http://evoluireducacional.com.br/wp-content/uploads/2012/08/parem_de_educar_para_trabalho.pdf acesso em 28/10/2013.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante.-** cinco lições sobre emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica, 202.

_____. **A partilha do sensível**: estética e política.- São Paulo: EXO experimental org.:Ed. 34,2005.

SANTOS NETO, Elydio. **Esperança, Utopia e Resistência na formação e prática de educadores no contexto neoliberal.** Revista de Educação do Cogeime. Ano 13- n. 24- junho 2004. Disponível em http://www.cogeime.org.br/revista/cap0424.pdf, acesso em 16 de janeiro de 2013.

_____. **Aspectos Humanos da Competência Docente**: Problemas e desafios para a formação de professores. In: SEVERINO, Antônio Joaquim; FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (Orgs.). Formação docente: rupturas e possibilidades. Campinas, SP: Papirus, 2002. 222 p.

SNYDERS, Georges. **A escola pode ensinar as alegrias da música**? Tradução de Maria José do Amaral Ferreira: prefácio à edição brasileira de Maria Felisminda de Resende e Fusari. 5. Ed.- São Paulo: Cortez, 2008.

_____. **Alunos Felizes**: reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários. Tradução Cátia Ainda Pereira da Silva. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 3ª ed. 2001.

_____. **Entrevista concedida à Lourdes Stamato de Camillis**, mestra em Filosofia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica - PUC/SP, artista plástica e técnica da Gerência de Atualização Profissional; traduzida por Elvira Cristina de Azevedo Souza Lima. Paris, Ago. 1990. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_11_p159-164_c.pdf.> Acesso em 29 maio de 2011.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Arte, Infância e Formação de Professores**: autoria e transgressão. – Campinas, SP: Papirus, 2004.- (Coleção Ágere).

Imagens e sons utilizados como disparadores:

Canções

DUNCAN, Zélia. Canção **Milágrimas.** In: **Pré-Pós-Tudo-Bossa-*Band*.,** autoria de Itamar Assunção e Alice Ruiz.

HORTÉLIO, Lydia (pesq. e direção). Canção: **Cipó do Miroró.** In: **Abra a Roda Tin do Le Le.**

Fotos

SYLVESTER, Hans. **Rio Omo**. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=fjA53d-WKk0>, acesso em 24 de janeiro de 2013.

Tirinhas

QUINO. **Mafalda**. Disponível em http://clubedamafalda.blogspot.com.br/, acesso em 24 de janeiro de 2013.

THAVES, Bob**. Frank e Ernest**. Jornal O Estado de São Paulo, 2002.

WATERSON, Bill. **Calvin e Haroldo.** Jornal O Estado de São Paulo, 2003.

Vídeos

Aprender a Aprender disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=Pz4vQM_EmzI>, acesso em 24 de janeiro de 2013.

Capturando o vento disponível em http://www.youtube.com/watch?v=FZKP9a-PWUw , acesso em 24 de janeiro de 2013.

Ética e cidadania no convívio escolar. Capítulo: O Educador. Entrevista com Paulo Freire. MEC, Brasília, 2001.